

**O HOMEM QUE
CORROMPEU HADLEYBURG**

Capítulo 1 O FORASTEIRO

Aconteceu há muito tempo. Hadleyburg era a cidade mais honesta de toda a região. Essa reputação já se mantinha há três gerações e era motivo de grande orgulho para seus habitantes. A vontade de continuar a ser conhecida pela honradez era tanta, que os bebês recebiam lições de princípios **MORAIS** ainda no berço. Crianças e jovens eram educados dentro de regras rígidas de ética e honestidade, e eram afastados de qualquer tentação que pudesse manchar sua personalidade. Quando adultos, o simples fato de mencionarem ser de Hadleyburg já abria as portas para um emprego. As cidades vizinhas tinham inveja da situação privilegiada de Hadleyburg, mas eram obrigadas a reconhecer que se tratava de uma cidade **INCORRUPÍVEL**.

Com o tempo, no entanto, Hadleyburg cometeu um erro fatal contra um forasteiro de passagem, provavelmente sem se dar conta disso, pois a cidade nunca dava ouvidos a forasteiros. Ela se bastava e não ligava para opiniões de fora. Mas, infelizmente, no caso desse forasteiro, teria sido melhor abrir uma exceção. Era um homem mau e vingativo, que passou um ano inteiro tramando algo que pudesse fazê-lo sentir-se recompensado pelo **REVÉS** que sofrera. Pensou em diversas alternativas, mas nenhuma que julgasse eficiente. Queria alguma coisa que atingisse todos os habitantes de Hadleyburg. Por fim, teve uma idéia que lhe causou enorme satisfação: “Vou corromper a cidade!”, disse a si próprio, já preparando seu plano.

Seis meses depois, ele foi até Hadleyburg. Uma carruagem discreta estacionou na frente da casa de um velho caixa de banco por volta das dez horas da noite. Ele puxou de dentro dela um enorme saco e jogou-o nas costas, carregando-o com dificuldade através do jardim da pequena casa. Bateu na porta e ouviu a voz de uma mulher dizer: “Entre!” Ele jogou o pesado saco em um canto pouco iluminado da sala de estar e foi cumprimentar a **ANCIÃ**, que lia sob uma lâmpada.

— Por favor, não se levante, senhora, não quero incomodar. Pronto, agora acho que está bem escondido naquele canto. Ninguém irá perceber. Será que posso falar com seu marido?

— Ele não está em casa. Foi para Brixton e talvez só volte amanhã.

— Tudo bem, senhora, não tem importância. Eu só queria deixar esse saco aos cuidados dele, para ser entregue ao seu dono, assim que este for encontrado. Eu não moro aqui e seu marido não me conhece. Só estou de passagem esta noite. Resolvi parar e cumprir uma missão que gira na minha cabeça há tempos. Finalmente, sinto-me satisfeito e até orgulhoso. Há um papel no saco explicando tudo. Agora preciso ir e a senhora nunca mais irá me ver. Tenha uma boa noite.

Ela estava com medo daquele forasteiro e ficou aliviada com sua partida, mas não podia negar que o misterioso homem lhe despertara uma curiosidade enorme sobre o conteúdo do saco. Foi até o canto da sala e pegou o papel, que dizia o seguinte:

Sou um forasteiro e hoje mesmo estou viajando para o meu país, onde pretendo ficar definitivamente. Agradeço imensamente à América por ter me recebido muito bem durante os anos que passei aqui, especialmente a um cidadão, habitante da cidade de Hadleyburg. Cerca de um ou dois anos atrás, ele foi tão gentil comigo que acabou por me livrar de muito sofrimento. É melhor eu explicar. Eu era um jogador arruinado, passando fome e frio nas ruas da cidade. Certa madrugada, engoli o orgulho e pedi esmola a um homem muito correto, que me entregou vinte dólares sem fazer perguntas. Aquele gesto me deu vida, coragem e também fortuna, pois apostei os vinte dólares na mesa de jogo e fiquei rico naquela mesma noite. Como se não bastasse, nunca vou me esquecer da frase que aquele homem me disse. Ele me ajudou a ver que eu deveria seguir um novo caminho na vida, tanto que assimilei suas palavras e não pretendo mais jogar. Também eu quero ser reconhecido pela honestidade.

Não sei quem é aquele homem, mas quero que o encontrem e lhe entreguem todo este saco de moedas de ouro, no valor de 40 mil dólares, como forma de agradecimento. Ele decide o que quer fazer com o dinheiro. Eu mesmo o encontraria, mas tenho pressa em viajar e não posso me demorar em Hadleyburg. De qualquer maneira, sei que ele será encontrado. Esta é uma cidade honesta, incorruptível, confio nela de olhos fechados.

O dono do dinheiro pode ser identificado pela frase que me disse, por isso tenho um plano: se preferirem, a investigação pode ser feita de forma particular. Revelem o conteúdo desta carta a qualquer pessoa que vocês julguem ser a pessoa certa. Se a pessoa disser “Eu sou o homem que vocês procuram e a frase foi assim e assado”, retirem um outro envelope selado de dentro do saco de moedas e leiam o papel dentro dele. Se a frase dita pelo candidato corresponder à escrita dentro do envelope, entregue-lhe o dinheiro.

Se quiserem que a investigação seja acompanhada por todos, publiquem esta carta no jornal da região e acrescentem as seguintes instruções: trinta dias a contar desta data, o candidato deverá apresentar-se à Prefeitura às oito horas da noite (sexta-feira) e entregar sua frase em um envelope selado ao Reverendo Burgess. Na ocasião, o Reverendo Burgess deverá abrir o envelope do saco e certificar-se de que a frase é a mesma que a escrita pelo candidato. Se for, o dinheiro deve ser passado às mãos do homem que tanto me ajudou, identificado dessa maneira.

A sra. Richards ficou meio atordoada. Guardou a carta perto do saco e se afastou dele, meio sem saber o que fazer. Até as onze horas da noite, quando o sr. Richards chegou em casa, o pensamento daquela senhora foi longe. “Bem que podia ser meu Edward o homem que deu vinte dólares ao forasteiro,” sonhava. “Somos tão pobres e tão velhos... bem que merecíamos.” Depois pensava que aquele dinheiro era fruto de jogo e que, por isso, não deveria desejá-lo.

— Edward, querido, que bom que você chegou! — disse ela, ao ouvir o barulho da porta.

— O que houve? — perguntou o marido.

Depois de ler a carta e se informar do que estava acontecendo, o sr. Richards quase caiu para trás.

— Mary, há uma fortuna dentro de casa! São 40 mil dólares! No máximo dez pessoas em toda a cidade de Hadleyburg têm uma quantia como essa. Estamos ricos! Vamos enterrar o dinheiro e queimar a carta!

— Pare de brincadeiras, Edward. O que você acha melhor, a investigação particular ou a publicação?

— A publicação, é claro. Todas as outras cidades teriam inveja. Nenhum forasteiro confiaria tal missão a outra cidade que não fosse Hadleyburg.

O sr. Richards correu até a redação do jornal e mostrou a carta ao diretor e proprietário do mesmo, o sr. Cox.

— Tenho uma boa notícia para você, Cox, publique-a — disse Edward Richards.

— Não sei se dá tempo de colocar na edição de amanhã, mas vou tentar — respondeu o diretor.

Já em casa, o sr. Richards e a esposa se puseram a discutir o assunto. Não tinham condições de dormir.

— Quem você acha que deu vinte dólares ao forasteiro, Edward? — perguntou a sra. Richards.

— Ora, Mary, você sabe que não pode ter sido outra pessoa senão...

— Barclay Goodson! — disse ela, quase ao mesmo tempo em que o marido.

— E pensar que ele morreu odiado pela cidade — disse o sr. Richards.

— Faz seis meses que a cidade voltou a ser aquela Hadleyburg **HIPÓCRITA**, mesquinha e **TACANHA**, coisas que Goodson não parava de **ALARDEAR**.

— É, desde sua morte ninguém mais falou nisso, mas isso não significa que deixaram de ter essas “qualidades” — disse Edward.

— Eu não consigo entender por que o forasteiro pediu ao Reverendo Burgess para abrir o envelope — comentou Mary — Depois do que ele fez...

— Ele não é um homem mau, Mary.

— O que você está dizendo?

O sr. Richards se calou e a esposa ficou intrigada.

— Edward, você sabe alguma coisa sobre o Reverendo Burgess que eu não saiba?

Ele tentou disfarçar, mas a esposa exigiu uma explicação.

— Está bem, vou dizer. Burgess é inocente. Sou o único que sabia da sua inocência, mas não fiz nada. Fui fraco, tive medo de que a cidade se voltasse contra mim.

— O que está dizendo? Burgess não teve culpa?

— Não, não teve, mas foi condenado pela cidade mesmo assim. Sinto-me culpado por isso.

— E ele sabe que você podia tê-lo salvo? — perguntou Mary, com os olhos aterrorizados.

— Não, ninguém sabe. Só eu e, agora, você.

— Graças a Deus! O que seria de nós se a cidade soubesse? Só não entendo por que ele insiste em nos cumprimentar e ser simpático toda vez que nos encontramos. É horrível! As pessoas me perguntam se estou do lado dele. Eu tento fugir, mas ele tem sempre um sorriso nos lábios e uma palavra agradável para dirigir a mim.

O sr. Richards se calou de novo e Mary quis saber:

— Não me diga que tem mais coisas...

— Você se lembra quando a situação estava feia mesmo e todos ameaçavam pendurar Burgess em um poste e surrá-lo diante de todos? — perguntou o marido.

— Sim, foi terrível!

— Pois então, eu fui até a casa dele de madrugada e o avisei. Ele conseguiu

fugir e ficar morando com parentes até as coisas se acalmarem.

— Edward, e se descobrirem? Estaremos perdidos...

— Não vão, eu garanto. Todos pensam que foi Goodson que o avisou. Convenceram Sawlsberry a ir tirar satisfações com Goodson. Em vez de desmentir a acusação, de dizer que não tinha sido ele, o velho bateu a porta na cara de Sawlsberry e falou: “Diga a todos que vão para o inferno! E Sawlsberry, se decidir voltar aqui, traga um cesto para carregar os pedacinhos de seu corpo morto depois da surra que vou lhe dar”.

— Isso era bem típico de Goodson — disse ela.

Depois dessa conversa, os Richards imergiram em pensamentos. Sentados no sofá da sala, eles se revezavam suspirando de vez em quando, mexendo o nariz ou franzindo a testa a cada **DEVANEIO**. Edward Richards saiu de repente. A mulher nem notou. Momentos depois, ela se ajoelhou diante do saco, tentando apalpar as moedas através do tecido de lona e dizendo baixinho:

— Por quê? Por que não esperamos um pouquinho mais?

Depois se sentou na poltrona novamente e começou a rezar em voz alta:

— Não nos deixeis cair em tentação — pedia.

Na casa dos Cox, as coisas aconteceram de maneira parecida. Marido e mulher conversaram, chegaram à conclusão de que Barclay Goodson era a única pessoa capaz de ter entregue vinte dólares ao forasteiro sem fazer perguntas, pensaram em silêncio, resmungando e suspirando como os Richards, depois se olharam ao mesmo tempo. O sr. Cox se levantou e pegou o casaco. A esposa fez um sinal afirmativo com a cabeça e o diretor do jornal saiu caminhando — quase correndo — rumo à **TIPOGRAFIA**. O sr. Richards e ele se encontraram na porta.

— Alguém mais sabe? — perguntou o sr. Cox, **ESBAFORIDO**.

— Ninguém mais — respondeu Edward.

Os dois correram escada acima. Encontraram o tipógrafo no caminho.

— Olá, Johnny, vim para lhe dizer que não precisa imprimir a edição de amanhã. Eu mesmo estou aqui para fazê-lo — disse o diretor do jornal.

— Tarde demais, sr. Cox, já imprimi — disse o funcionário, satisfeito.

— Então não envie nenhum exemplar para as bancas.

— Todos os exemplares de amanhã já foram **DESPACHADOS**. Vieram buscar vinte minutos mais cedo — explicou Johnny.

O sr. Richards e o sr. Cox se olharam furiosos e seguiram para suas casas, onde tiveram conversas praticamente idênticas com as respectivas esposas.

— Por que você tinha de ser tão correto? Por que tanta pressa? Saiu correndo no meio da noite para publicar a carta! — disse a sra. Richards.

— Mas Mary, a carta falava em publicação...

— E alguém o obrigou a publicar, a sair em desespero atrás do jornal? Edward, somos tão pobres...

— Talvez em uma próxima vez — disse o sr. Cox à esposa, diante de um argumento parecido.

— Você tem idéia de quando isso vai acontecer de novo? Nunca! — exclamou a sra. Cox.

Por fim, os dois casais foram para a cama, não para dormir mas para pensar em qual teria sido a frase que Goodson falou ao forasteiro naquela noite em que lhe entregou vinte dólares. No dia seguinte, o nome da incorruptível Hadleyburg estava na boca de todo o país.

Capítulo 2 DEZENOVE CIDADÃOS E SUAS ESPOSAS

Hadleyburg amanheceu mais famosa, **ENVAIDECIDA** e feliz do que se podia imaginar. Os dezenove cidadãos principais da cidade desfilavam pelas ruas com suas esposas acenando uns aos outros, comemorando e dizendo que, finalmente, haveria mais uma palavra no dicionário: Hadleyburg era sinônimo de incorruptível. Os cidadãos menos importantes também saíram de braços dados com suas esposas agindo da mesma maneira.

Pessoas viajavam de longe para ver o saco de dinheiro no salão principal do banco. Repórteres entrevistavam moradores e faziam desenhos da fachada do banco, do saco, da igreja batista, da igreja presbiteriana, da casa dos Richards, da praça principal, da Prefeitura, onde haveria o teste e a entrega do dinheiro, além de esboçarem retratos terríveis do sr. Richards, de Pinkerton, o banqueiro, do sr. Cox, do Reverendo Burgess, do carteiro, até de Jack Halliday, que era pescador, caçador, **BONACHÃO**, espontâneo, amigo das crianças e dos cães que caminhavam pelas ruas. Pinkerton, que era um baixotinho **PRESUNÇOSO** e desprezível,

fez um discurso ao lado do saco, falando sobre o exemplo de honradez que Hadleyburg deveria ser para a América e o mundo.

Ao final de uma semana, essa alegria e esse **EMBEVECIMENTO** se acalmaram. As pessoas andavam pelas ruas com uma felicidade branda no rosto, quase como se demonstrassem possuir um sentimento sagrado de contentamento.

Então, as coisas começaram a mudar. Ninguém percebeu a mudança gradual, com exceção de Jack Halliday, que sempre notava as coisas e fazia brincadeiras com tudo o que fosse. De uma hora para a outra, a população de Hadleyburg parecia estar entristecida. Halliday fazia troça nas ruas, observando uma melancolia nos olhos das pessoas que não estava presente há um ou dois dias. A coisa foi aumentando e se intensificando a ponto de virar um tipo de doença ou **APATIA**. “Posso tirar dinheiro do bolso do cidadão mais mesquinho e ele não irá perceber”, comentava Jack.

A essa altura, uma frase comum de se ouvir dos maridos antes de dormir era, acompanhada de um suspiro:

— Ah, qual teria sido a frase que Goodson disse ao forasteiro?

— Não diga isso! — gritavam as mulheres, **ESTARRECIDAS**. — Nem pense em uma coisa dessas!

A mesma pergunta escapou de novo dos homens na noite seguinte. As mulheres deram a mesma resposta, mas só que com menos intensidade. Na terceira noite, a pergunta saiu mais uma vez, como se os homens estivessem **ABSORTOS**. As esposas tentaram resmungar algo, mas se calaram. Na quarta noite, elas responderam, em um gemido:

— Ah, se a gente pudesse descobrir!

Jack Halliday era o único que sorria na cidade. Suas risadas caíam sobre um enorme vácuo de melancolia. Andava carregando uma caixa de charutos, que fingia ser uma máquina fotográfica. Quando passava por alguém, dizia:

— Posso tirar uma foto para o jornal? — e saía gargalhando.

Três semanas se passaram. Faltava uma. No sábado à noite, o sr. e a sra. Richards estavam sentados no sofá da sala pensativos. Durante muitos anos, costumavam conversar, fazer tricô, ler ou receber visitas, mas esses hábitos tinham se alterado nas últimas semanas. Ninguém mais lia, tricotava ou visitava amigos em

Hadleyburg. Tudo o que se fazia na cidade era pensar em qual teria sido a frase de Goodson.

O carteiro deixara algumas correspondências na caixa de correio. O sr. Richards as recolheu e jogou as cartas sobre a mesa, sem interesse. A sra. Richards foi dormir sem dar boa-noite. Isso havia se tornado comum agora. O marido permaneceu sentado, com o rosto entre os joelhos. No caminho para o quarto, ela resolveu dar uma olhada nas cartas. Abriu uma delas e se pôs a ler. De repente, deu um grito. O sr. Richards foi acudir, mas encontrou a mulher melhor do que imaginava.

— Estou tão feliz, tão feliz! Leia isto! — exclamou.

Ele devorou a carta, que vinha de um estado **LONGÍNQUO** e dizia o seguinte:

“Você não me conhece, mas isso não importa. Acabei de chegar de uma viagem ao México e fiquei sabendo do que anda acontecendo em Hadleyburg. É claro que você não sabe quem foi o homem que disse aquela frase ao forasteiro, mas eu sei. Na verdade, sou a única pessoa viva que sabe. Foi Goodson. Ele me hospedou naquela noite por algumas horas antes que eu pegasse o trem da meia-noite. Escutei quando ele disse a frase ao forasteiro.

Conversamos sobre isso no caminho para sua casa e, mais tarde, durante a ceia. Ele não me falou muito bem dos habitantes de Hadleyburg, devo confessar, com exceção de uns dois ou três, a quem disse ser apenas favorável. Entre eles, estava você. Goodson me disse que, certa vez, você lhe prestou um grande favor, talvez sem ter se dado conta disso. Ele disse lhe ser muito grato e gostaria de ter dinheiro para lhe deixar como herança, enquanto desejava que os outros moradores da cidade fossem todos para o inferno.

Você é o herdeiro legítimo de Goodson, por isso vou lhe dizer a frase. Não tenho receio em fazer isso, sei que um cidadão de Hadleyburg seria incapaz de trapacear. Caso não seja você quem prestou o favor a Goodson, sei que irá encontrar a pessoa certa e lhe revelar a frase, que é a seguinte: Você está longe de ser um homem ruim: Vá, e se emende”.

O sr. e a sra. Richards trocaram beijos e abraços, coisa que há muito não faziam.

— Ah, meu querido Edward, como estou orgulhosa de você! — disse a esposa. — Por que não me disse nada sobre o favor que prestou a Goodson?

— Bem, é... é... — gaguejou o marido.

— Que favor foi esse, Edward?

O sr. Richards pensou, coçou a cabeça, e finalmente disse:

— Não posso dizer.

— Como assim não pode dizer?

— É que, bem, é que eu prometi a ele que não contaria.

Mary franziu a testa, olhou para o lado e estava prestes a exigir que o marido lhe contasse tudo, mas depois pensou no dinheiro e concluiu que nada mais tinha importância.

— Se você prometeu, então é melhor mesmo manter sua palavra — disse, por fim, deixando o marido respirar aliviado.

Os dois ainda ficaram meia hora namorando no sofá, como nos tempos de recém-casados, depois foram se deitar, ela pensando em como gastar tanto dinheiro, ele intrigado, tentando se lembrar do favor que tinha prestado a Goodson. Edward sentia-se mal por ter mentido para a esposa, mas depois pensou: “Agora há pouco Mary estava me recriminando porque levei a carta ao jornal. Queria ficar com o dinheiro e queimar a carta, ou seja, roubar. Penso que mentir não é tão grave quanto roubar”, concluiu.

Só que não conseguia pegar no sono. A dúvida voltava à sua cabeça. E se não fosse ele quem prestara o favor a Barclay Goodson? O sr. Stephenson tinha dito que confiava nele para descobrir o verdadeiro dono do dinheiro, caso não fosse ele o autor do favor. Por que ele tinha de levantar essa dúvida? Bem, o fato era que seu nome, Edward Richards, tinha ficado na mente do sr. Stephenson durante um ou dois anos. Isso com certeza tinha algum significado. Tanto refletiu sobre isso que acabou por acreditar tratar-se de uma prova. Se fosse outra pessoa, o sr. Stephenson não se lembraria do nome dele. Resolveu colocar uma pedra sobre o assunto.

Agora só precisava lembrar-se de que favor tinha sido aquele, algo tão grandioso que justificasse deixar uma herança. Por mais que pensasse no que tinha feito de bom ao falecido, nada lhe parecia suficiente. Chegou à conclusão de que tinha salvo a alma de Goodson. Tinha ido até sua casa com a Bíblia e se empenhado, com muito esforço, durante um mês inteiro, para aproximá-lo de Deus. Depois se lembrou melhor e o período de um mês se transformou em uma semana, depois em um dia e, por fim, reduziu-se a nada. Goodson batera a porta na sua casa dizendo:

— Vá para o inferno! Não quero carregar Hadleyburg até o céu!

Pensou em diversas formas de salvamento. Tinha salvado os bens do morto, depois se lembrou de que Goodson não tinha bens. Imaginou-se em diversas situações heróicas, até em um dia em que salvara a própria vida de Goodson. Ele nadava para salvar o amigo de um afogamento e o resgatava até a praia. Depois de um tempo, lembrou-se de que não sabia nadar.

Revirando na cama, o sr. Richards pensou na carta do sr. Stephenson. Dizia que era um favor que talvez ele não tivesse se dado conta. Era isso, ele descobrirá! Certa vez, quando moço, Goodson ia se casar com uma linda moça, Nancy Hewitt. Só que ela morreu antes do casamento. Goodson trancou-se em casa, foi ficando rabugento até transformar-se em um **FERRENHO** crítico da cidade.

Anos depois da morte da moça, espalhou-se um boato de que ela tinha sangue negro nas veias. Lembrou-se de que tinha sido ele quem descobrira e contara o fato a Goodson e a toda a cidade. Ele salvara Goodson, de se casar com uma mestiça. De tanto puxar pela memória, lembrou-se de todos os detalhes do ocorrido como se tivesse sido ontem. Recordou-se de Goodson, agradecendo a ele e indo fechar-se em casa, com sua dor. Era isso, ele nem tinha se dado conta do tamanho do favor que prestara.

Quando finalmente conseguiu pegar no sono, a esposa ainda estava acordada, gastando em pensamento cerca de seis mil dólares em uma casa nova só para ela e mais alguns trocados em um par de chinelos para seu pastor.

Naquela noite, o carteiro entregou 19 envelopes ao todo. Cada um dos dezenove cidadãos mais importantes de Hadleyburg recebeu uma carta idêntica à do sr. Richards, assinada pelo sr. Stephenson. A única coisa diferente era o nome do destinatário. Após lerem as cartas, comemorarem e pularem de alegria, os dezoito homens passaram a noite como o sr. Richards, tentando lembrar qual fora o favor prestado, sem se dar conta, a Barclay Goodson. As mulheres, como a sra. Richards, ficaram acordadas durante toda a madrugada, imaginando no que gastariam o dinheiro. Cada mulher gastou cerca de sete mil dos quarenta mil dólares do saco, um total de cento e trinta e três mil dólares.

Na manhã seguinte, Jack Halliday notou que o ar de felicidade voltara ao rosto dos dezenove cidadãos mais importantes da cidade e dos de suas esposas. Quando viu a sra. Wilcox cantarolando pela rua, perguntou:

— Sua gata teve gatinhos?

— Ainda não, Jack, ainda não — respondeu a elegante senhora, sorrindo. Mais adiante encontrou-se com Billson.

— Tanta alegria só pode significar que algum vizinho quebrou a perna — provocou Halliday.

— Meus vizinhos estão todos bem — disse Billson, deixando Halliday intrigado.

Jack achou mais estranho ainda seu encontro com Gregory Yates. Era um homem carrancudo, que espalhava para quem quisesse ouvir que só seria feliz

quando sua sogra morresse. O fato era que o sujeito estava caminhando pela rua com um sorriso de orelha a orelha.

— Sua sogra morreu! — exclamou Halliday.

— Está mais viva do que nunca! — disse Yates.

Jack Halliday ficou atônito, sem saber o que pensar. Havia dezenove famílias no paraíso em Hadleyburg, mas o motivo ninguém suspeitava. Foi a sua vez de se sentir entristecido. Ele sempre sabia o que se passava naquelas cabeças mesquinhas dos moradores de Hadleyburg. “Existe algo muito esquisito no ar...”, disse a si mesmo.

De fato, coisas estranhas continuaram a acontecer naquela semana. Um arquiteto que tentava se estabelecer na cidade e que já pensava em fechar as portas de seu escritório, tamanho o **MARASMO** de Hadleyburg, recebeu a visita discreta de algumas das esposas dos dezenove cidadãos mais importantes.

— Passe na minha casa na semana que vem. Estamos pensando em construir — diziam, em segredo.

Ele recebeu 11 convites ao todo. Pinkerton e dois outros cidadãos queriam fazer casas de campo, mas acharam melhor esperar antes de ir falar com o arquiteto. Os Wilson desejavam dar uma festa a fantasia. Chegaram a falar com alguns conhecidos, que riram pelas suas costas, dizendo:

— Coitados dos Wilson, eles não têm dinheiro...

Outros planejavam ir à festa dos Wilson e depois fazer outra bem maior e mais luxuosa, só para humilhá-los. Muitos não se contentaram em gastar em pensamento. Começaram a fazer dívidas. Deram a entrada em terras, fazendas, casas, ações, roupas ou cavalos e prometeram pagar o resto em dez dias. Depois ficaram ansiosos e Halliday continuava angustiado, sem saber por que seus rostos haviam se transformado novamente.

— O que houve desta vez? Ontem estavam **ESBANJANDO** felicidade. Hoje estão roendo as unhas — perguntava-se Jack, em voz alta.

Outra pessoa **PERPLEXA** era o Reverendo Burgess. Toda vez que encontrava algum cidadão importante, um envelope era passado discretamente às suas mãos com a seguinte recomendação:

— Para ser aberto na Prefeitura, sexta-feira à noite.

Ao final da semana, ele tinha dezenove envelopes ao todo.

Capítulo 3 O INFERNO É AQUI!

A Prefeitura nunca estivera tão enfeitada como naquela sexta-feira à noite. Laços e bandeiras ornamentavam as paredes, janelas e portas. Os quatrocentos e doze lugares permanentes estavam ocupados, assim como as sessenta e oito cadeiras extras, que abarrotavam os corredores e disputavam espaço com as pessoas em pé. Havia vários convidados do lado de fora, a maioria da imprensa. Muitas senhoras usavam trajes elegantes. Um observador mais **PERSPICAZ** notaria que estavam pouco confortáveis, ou melhor, perceberia que elas nunca tinham usado aquele tipo de roupa.

O saco estava sobre uma mesa no alto do palanque. As pessoas olhavam para ele com ar de desejo, quase com água na boca. Dezenove casais na platéia olhavam para o saco com carinho, orgulhosos daquilo que, já podiam sentir, era propriedade sua. Os maridos, de vez em quando, sussurravam palavras para si mesmos, tentando decorar os discursos de agradecimento que haviam preparado para a hora que fossem chamados.

A algazarra era enorme, mas no momento em que o Reverendo Burgess, presidente da mesa, subiu ao palanque, fez-se um silêncio tenebroso. Ele proferiu um discurso inicial, **ENALTECENDO** a fama de Hadleyburg como cidade incorruptível.

— Devemos ter orgulho da educação que damos aos nossos filhos. Que eles estejam preparados para levar adiante nossa reputação, passando, por sua vez, a seus próprios filhos, os valores de ética e honestidade que aprenderam em casa — disse o Reverendo.

Muitos aplausos ecoaram dentro da Prefeitura.

— Que forasteiros do mundo todo continuem confiando em Hadleyburg! Mais aplausos **ACALORADOS** surgiram, acompanhados de gritos de “Vival!”. Ele então tirou um envelope do bolso e leu seu conteúdo, de modo bem pausado, enquanto a audiência prendia a respiração:

“A frase que eu disse ao forasteiro aflito foi a seguinte: ‘Você está muito longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende’.

— Em alguns segundos teremos a confirmação de que a frase que acabei de citar corresponde à contida neste saco. Tenho certeza de que irá corresponder e

de que nossa cidade receberá, de braços abertos, este cidadão que é um símbolo da virtude nacional, talvez mundial: o senhor Billson! — disse o Reverendo.

A platéia estava pronta para **IRROMPER** em palmas, mas, em vez disso, fez-se um silêncio assustador. Era como se todos estivessem paralisados. Segundos depois, uma voz gritou:

— Essa é muito boa! Billson não daria esse dinheiro a um **CONTERRÂNEO**, quanto mais a um forasteiro!

— Ninguém aqui tem cara de bobo! — disse outra voz.

O espanto foi geral. Os dezenove casais cochichavam entre si e pareciam indignados. Billson estava de pé, com a cabeça baixa, assim como o tabelião Wilson. De repente, os dois se olharam.

— Por que o senhor se levantou, sr. Wilson? — perguntou Billson, com a voz desafiadora.

— Porque fui eu que escrevi aquela frase! — respondeu o tabelião, em tom de **REVIDE**.

— Acho que todos nós escutamos o Reverendo Burgess dizer Billson.

A platéia fez silêncio e os olhos se voltaram para o Reverendo, que pegou o envelope e leu:

— John Wharton Billson.

— Está vendo? O que é que o senhor vai dizer agora, depois de ter insultado a cidade inteira? — disse Billson, arrancando verdadeiros uivos das pessoas.

— Digo que o senhor roubou meu envelope, que estava com o Reverendo Burgess, e o **FRAUDOU!** Substituiu meu nome pelo seu! Sou o único que conhecia o segredo dessas palavras!

A Prefeitura transformou-se em uma gritaria só. Todos falavam ao mesmo tempo e o Reverendo batia o martelinho na mesa pedindo:

— Ordem, ordem! Preciso falar! Agora me lembro, o sr. Wilson também me entregou um envelope — disse, retirando-o do bolso.

A sala ficou em silêncio novamente, até que uma voz pediu:

— Leia! O que está escrito?

O Reverendo, meio tonto, retirou o papel de dentro e leu:

“A frase que eu disse ao forasteiro infeliz foi a seguinte: ‘Você está longe de

ser um homem ruim. (A platéia olhou, surpresa, para o tabelião.) Vá, e se emende”.

— O que será que isso quer dizer? — perguntou o Reverendo, coçando a cabeça. — Esta está assinada por Thurlow G. Wilson.

Billson e Wilson começaram a se atacar, cada um acusando o outro de roubo, até que o Reverendo ordenou:

— Queiram se sentar, os dois!

Revoltados, eles obedeceram. Estavam todos atordoados. Ninguém se preparara para uma situação daquelas. O sr. Thompson, chapeleiro, resolveu falar. Ele gostaria de ser um dos dezenove, mas suas vendas de chapéus eram muito pequenas para lhe dar uma posição dessas. Ele sugeriu:

— Será que os dois não poderiam ter dito a mesma frase ao forasteiro?

O **CURTIDOR**, que era um **DESPEITADO** e adoraria ser um dos dezenove, respondeu:

— Não se trata disso! Nenhum dos dois deu os vinte dólares! — arrancando uma onda de aplausos.

Billson: — Eu dei!

Wilson: — Eu dei!

E os dois começaram a se acusar de ladrões novamente.

O Presidente: — Ordem! Exijo ordem! Nenhuma das cartas ficou longe de mim um minuto sequer!

O curtidor: — Está claro que um deles andou se escondendo na casa do outro para ouvir segredos de família. Provavelmente quando a frase estava sendo revelada à esposa. Vai ser fácil descobrir o impostor.

Uma voz: — Como assim?

O curtidor: — As frases têm diferença. Billson disse a palavra “muito” e Wilson não.

Muitas vozes: — É verdade!

O curtidor: — Então peço que o Reverendo, Presidente desta mesa, examine o envelope que está no saco para desmascarar um dos cavalheiros aqui presentes! — causando uma **SARAIADA** de risos e palmas.

Muitas vozes: — Abra o saco! Abra! Abra!

O Reverendo Burgess fez um corte no saco e tirou de dentro um envelope

contendo duas folhas dobradas. Ele disse:

— No verso da primeira está escrito “Para ser lida quando todas as cartas entregues ao Presidente tiverem sido abertas — se houver alguma”. O verso da segunda diz: “A Prova”.

Ele pediu licença e começou a ler a prova, que começava assim:

“Não exijo que a primeira parte da frase seja dita com precisão, afinal já faz tempo que o fato ocorreu e eram expressões comuns. Mas as quinze últimas palavras, essas causaram um grande impacto em mim e são fáceis de ser lembradas. A menos que elas sejam ditas de modo exato, a pessoa que almeja o saco de ouro deve ser considerada uma impostora. O que o homem que me salvou a vida disse naquela noite foi: ‘Você está longe de ser um homem ruim...’”

Muitas vozes: — Wilson! Wilson é o dono do dinheiro!

Pessoas começaram a se levantar, abraçar o tabelião, já cercado de repórteres. Mas o martelinho do Presidente não parava de bater na mesa.

— Ordem! Ainda não terminei de ler! — disse o Reverendo.

Quando as coisas se acalmaram, ele continuou:

“Vá, e se emende ou, algum dia, por causa de seus pecados, você morrerá e irá para o inferno ou para Hadleyburg. PROCURE IR PARA O PRIMEIRO”.

Durante alguns minutos, ninguém disse nada. Os repórteres, os forasteiros e os convidados das cidades vizinhas cobriam os rostos com as mãos e mordiam as bochechas esforçando-se ao máximo para serem solidários com os moradores de Hadleyburg. De repente, a voz de Jack Halliday ecoou:

— Esta é a legítima!

Foi o bastante para ninguém mais se agüentar. O tom grave e cerimonioso do Reverendo foi invadido por uma sonora gargalhada, que não parava mais e fazia as pessoas derramarem lágrimas de tanto rir.

Capítulo 4 MAIS UMA TENTAÇÃO

Por três vezes o Presidente da mesa tentou falar, mas foi interrompido pelas risadas e falatórios. Quando finalmente a multidão se acalmou, o Reverendo começou:

— Estamos diante de um fato muito grave, que mancha a honra da nossa cidade. Pior que isso, a integridade de dois cidadãos de Hadleyburg já não é mais a mesma, não se pode negar.

Billson e Wilson se levantaram para protestar, mas o martelinho soou sobre a

mesa com a advertência do Presidente:

— Ordem! Sentem-se os dois!

Eles obedeceram e o discurso prosseguiu:

— Eu digo os dois cidadãos porque ambos deixaram de lado as quinze palavras **CRUCIAIS**.

Muitas vozes: — É mesmo! É verdade!

— Então, eu pergunto aos dois: Houve algum tipo de acordo, de **CONLUÍO**?

— disse o Reverendo, seguido de gritos de protesto.

Billson calou-se. Era um homem despreparado para situações de emergência. Continuou sentado, com o rosto pegando fogo. Wilson, que era advogado de formação, resolveu falar:

— Gostaria de dizer algumas palavras em defesa de minha honra, mesmo que, infelizmente, elas firam a moral de meu conterrâneo, o sr. Billson. É uma pena ter de acusar um amigo, mas não posso deixar que pensem mal de mim, já que sou inocente. Confesso, meus caros, que disse ao forasteiro todas aquelas palavras, até as últimas, **DEPRECIATIVAS**. Por isso peço, do fundo do coração, que me perdoem. Quando li no jornal a carta do forasteiro, resolvi reivindicar o saco, pois julgo que sou merecedor deste dinheiro.

A audiência escutava, atenta. O sr. Wilson fez uma pausa proposital, assim todos poderiam começar a refletir sobre suas colocações. Em seguida, continuou:

— O que eu nunca poderia imaginar é que o forasteiro a quem tanto ajudei e que dizia sentir tanta gratidão por mim fosse incluir no teste as quinze palavras, totalmente desnecessárias, na minha opinião. Fui vítima de uma armadilha. Alguém quis me mostrar como **CALUNIADOR** da minha própria cidade, de meu próprio povo.

Muitas vozes: — Oh!

— Imaginei que o teste incluiria somente a primeira parte, que acabava com 'Vá, e se emende'. Por isso escrevi a frase em um pedaço de papel, mas fui chamado na sala ao lado e deixei a folha sobre a mesa do meu escritório. Quando voltei, notei que a folha estava um pouco fora do lugar, mas julguei ter sido obra de um golpe de vento. Quando fui fechar a janela, vi Billson saindo pela porta da frente do meu escritório.

Billson levantou-se, revoltado, mas o Presidente ordenou que ele se calasse:

— O sr. Wilson está com a palavra!

— É muito fácil entender por que Billson é um impostor — prosseguiu o tabelião. — O fato de ele ter usado a palavra extra ‘muito’ mostra um lapso de memória de alguém que teve pressa ao se apoderar de uma informação que só pertencia a mim.

O impacto de um discurso bem-feito foi enorme entre a multidão. Muitos gritavam o nome de Wilson e pediam que o dinheiro lhe fosse entregue. Alguns amigos mais próximos chegaram a carregá-lo nos ombros e colocá-lo sobre o palanque. No entanto, o Presidente bateu mais uma vez com o martelinho e disse:

— Vocês estão esquecendo, existia mais um documento dentro do saco para ser lido. Peço silêncio e atenção.

Quando ia iniciar, lembrou-se de uma coisa:

— Ah! Este documento só deve ser lido depois que todas as cartas que recebi forem abertas.

Ele colocou a mão no bolso, retirou um envelope e examinou seu conteúdo. Olhou, atônito, para as palavras e, em seguida, olhou para a audiência. Uma voz gritou:

— Leia! O que está escrito?

O Reverendo respirou fundo e leu:

“A frase que eu disse ao forasteiro foi esta: ‘Você está longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende’”. Assinado: Pinkerton, o banqueiro.

A **COMOÇÃO** foi geral. Aqueles com a consciência tranqüila soltaram uma gargalhada que vinha solta. Repórteres rabiscavam garranchos incompreensíveis e seguravam o riso. Um cão que dormia perto da entrada levou um susto e latiu estridentemente. Os comentários eram gritados:

— Três símbolos da incorruptibilidade!

— Essa é boa!

Uma voz forte: — Façam silêncio! O Presidente tirou outra carta do bolso!

Muitas vozes: — Leia! Leia!

O Presidente (lendo): — *“A frase que eu disse ao forasteiro foi: ‘Você está longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende’”. Assinado: Gregory Yates.*

Muitas vozes: — Quatro símbolos!

Muitas vozes ao mesmo tempo: — *Mais uma! Mais uma!*

O tumulto aumentou. Alguns dos dezenove começaram a levantar e abrir caminho entre as cadeiras e pessoas, mas alguém gritou:

— Fechem as portas! Nenhum corrupto sai desta assembléia!

As portas foram trancadas e as comunicações foram sendo pescadas uma a uma dos bolsos do Reverendo, que lia as mesmas palavras em todas elas. Ao final de cada frase, a platéia exigia, enlouquecida:

— O nome! Diga o nome!

O Presidente assim declarou cada assinatura:

— L. Ingoldsby Sargent.

A *multidão*: — Cinco! Cinco eleitos!

— Nicholas Whitworth.

A *multidão*: — Hurra! Que dia simbólico!

Uma voz: — Quantas cartas o senhor recebeu, Presidente?

O *Presidente*: — Dezenove ao todo, contando com as que já foram abertas.

Cerca de dez homens se levantaram e começaram a protestar:

— Isso só pode ser uma farsa! As assinaturas devem ser falsificações, tudo para insultar nossa comunidade!

Vozes: — Sentem-se! Por acaso estão confessando? Logo acharemos seus nomes nas cartas restantes!

Mary estava de cabeça baixa, disfarçando o choro. O sr. Richards pegou na mão da esposa, em seguida se levantou e pediu a palavra:

— Queridos amigos, vocês conhecem bem a Mary e eu e, acredito, gostam de nós e nos respeitam — disse ele, com a voz entrecortada.

— Com licença, sr. Richards — interrompeu o Reverendo. — A cidade toda conhece vocês dois e, eu diria, não só respeita mas ama e honra vocês.

Halliday interferiu e provocou a multidão:

— Se o Reverendo está certo, vamos dar-lhe uma salva de palmas!

A platéia despencou em aplausos. O Presidente continuou:

— Como eu estava dizendo. Vocês são de fato muito queridos, mas isso não é hora para **INTERCEDER** em favor de seus amigos, sr. Richards. As comunicações precisam ser lidas até o final. Prometo que o senhor terá a palavra quando eu terminar as leituras.

Muitas vozes: — Está certo! Não se pode interromper o Presidente! Os nomes! Nomes! Queremos os nomes!

Os anciãos foram obrigados a sentar. O sr. Richards abraçou a mulher e disse:

— Que vergonha, Mary, quando descobrirem que estávamos querendo sair em defesa de nós mesmos.

As cartas continuaram a ser abertas e, a cada envelope, a multidão dizia a frase em coro, enquanto o Reverendo lia as assinaturas.

Multidão: — “*Você está longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende*”.

O Presidente: — Robert J. Titmarsh.

Multidão: — “*Você está longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende*”.

O Presidente: — Eliphalet Weeks.

Multidão: — “*Você está longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende*”.

O Presidente: — Oscar B. Wilder.

Multidão: — “*Você está longe de ser um homem ruim. Vá, e se emende*”.

O Presidente: — Archibald Wilcox.

E assim todos iam se divertindo cada vez mais, com exceção dos dezenove, que amargavam a infelicidade. Diante de alguns nomes, a multidão ainda gritava, quase cantando, as palavras finais:

— “*E vai para o inferno ou para Hadleyburg. Procure ir para o primeiro!*”

À medida que os nomes iam sendo ditos, o sr. e a sra. Richards estremeceram. Ele pensava no que iria dizer para pedir a **MISERICÓRDIA** da cidade. Ela acompanhava cada envelope aberto e rezava. De repente, Mary deu um cutucão no marido, que **DIVAGAVA**.

— É agora, o último envelope. Prepare-se para ouvir seu nome.

O casal se levantou, mas, para sua surpresa, o Reverendo Burgess pôs a mão no bolso e disse:

— Está vazio. Acho que já li todos. Devo ter me enganado. Foram dezoito as cartas que recebi.

O sr. e a sra. Richards voltaram a sentar, aliviados.

— Deus meu, ele deve ter perdido o nosso. Isso é melhor do que qualquer saco de ouro — disse Mary, em voz baixa, ao marido.

A multidão continuou gritando palavras duras contra os dezoito cidadãos, enquanto uma voz se destacou, dizendo:

— Viva o sr. Edward Richards, o único cidadão importante que não quis agarrar o dinheiro!

— É isso mesmo! Ele será eleito o único símbolo da tradição de Hadleyburg!
— gritou outra voz.

No meio da algazarra, alguém perguntou:

— Quem ficará com o saco?

O curtidor, em tom sarcástico: — Ora, dividam a quantia entre os dezoito. Todos eles deram vinte dólares ao forasteiro!

O Presidente: — Preciso terminar de ler o documento escrito pelo forasteiro. Ele diz o seguinte: “Se não aparecer nenhum pretendente ao dinheiro (*grande comoção da platéia*), os quarenta mil dólares devem ser divididos entre os cidadãos mais importantes da cidade. Eles deverão saber o que fazer em prol de sua comunidade e da preservação de sua honestidade (gritos e gargalhadas entusiasmadas)”. Acho que é tudo. Esperem aí, há um pós-escrito: “P.S. Cidadãos de Hadleyburg, ninguém disse frase nenhuma (*burburinho em toda a platéia*), muito menos deu vinte dólares a um forasteiro. Essa história foi toda inventada! Deixem-me contar o que houve: Certa vez, em visita pela cidade, senti-me terrivelmente ofendido. Qualquer um teria se contentado em revidar a ofensa ou em dar uma surra no mal feitor, mas não eu. Meu desejo era o de me vingar de toda a cidade, da tão perfeita Hadleyburg. Voltei disfarçado e comecei a estudá-los. Foi então que percebi a fraqueza de todos vocês, tão orgulhosos de sua honestidade, mas tão vulneráveis... Não adianta dizerem que são honestos, se vivem longe da tentação. Vi logo de que maneira eu tinha de agir. Estava determinado a corromper alguns dos cidadãos mais confiáveis, aqueles que tinham orgulho de nunca terem roubado um centavo, ou de nunca terem dito uma mentira”.

A multidão: — E conseguiu, conseguiu!

O Presidente: — Silêncio! Deixem-me continuar: “Tive medo de Goodson. Ele não nascera nem crescera em Hadleyburg. Fiquei com medo de que, se eu começasse a botar meu plano em prática, vocês logo pensassem: ‘Goodson é o único capaz de dar vinte dólares a um forasteiro’ e não mordessem minha isca. Mas Deus levou Goodson e pude iniciar meu plano. Não sei quantos de vocês consegui corromper, mas acredito que tenham sido muitos os despreparados para enfrentar a tentação. Se obtive sucesso, abram o saco e ajudem a rebatizar Hadleyburg!”

Muitas vozes: — Abra, abra o saco! — pediam ao Presidente, que rasgou o saco de cima a baixo, deixando moedas amarelas brilhantes rolar pelo palanque.

O Presidente: — São apenas rodela douradas de chumbo — constatou o Reverendo, examinando algumas delas.

A gritaria foi tão grande que ninguém mais entendia nada. Muitos convidados de fora choravam de tanto rir. De repente, o **SELEIRO** subiu ao palanque e propôs:

— Acho que o saco de moedas de chumbo deve ser leiloado e a quantia apurada entregue ao único cidadão que soube honrar o nome de Hadleyburg: Edward Richards! Vamos pedir que Jack Halliday venha até aqui e leiloe o saco!

A idéia foi muito bem recebida e até aplaudida. Com o consentimento do Reverendo Burgess, o seleiro deu o primeiro lance, de um dólar. Logo começaram lances maiores, de cinco, dez dólares, depois de cinqüenta, cem e até mais... Moradores de Brixton e de Barem um disputavam o saco de perto. No início do leilão, o sr. Richards disse à esposa:

— Oh, Mary! Você acha que devemos permitir isso? Estão querendo nos dar um prêmio pela honra. Não seria melhor eu me levantar e... Oh, Mary, o que devemos fazer? (Voz de Halliday: “Ouvi quinze dólares? Quinze! Obrigado. Vinte? Ah! Obrigado! Trinta! Ótimo! Trinta, trinta, trinta... ouvi quarenta? Quarenta! Muito bem, cavalheiros, muito bem! Cinqüenta! É assim que se fala! Setenta! Que maravilha! Cem? Vamos oferecer mais! Cento e vinte! Magnífico! Alguém dá cento e cinqüenta? Ah! Cento e cinqüenta, já estava na hora! Duzentos? Fantástico! Escutei duzentos e cin... duzentos e cinqüenta, obrigado!)

A sra. Richards começou a soluçar baixinho:

— Edward, é mais uma tentação. Escapamos de uma, agora parece que é um sinal, uma advertência... (“Ouvi seiscentos? Sete? Setecentos! Maravilha!”), mas quando pensamos que ninguém suspeita... (“Oitocentos dólares!... Vamos lá! Quem dá mais? Novecentos para o senhor Parson! Este saco de chumbo vale muito mais que isso! Vamos minha gente, quero ouvir mil dólares! Mil dólares! *Obrigado ao cavalheiro ali! Alguém falou mil e cem? Este saco vai ficar famoso...*”) Oh, Edward, nós somos tão pobres... Mas faça o que você achar melhor.

Edward Richards desmoronou na cadeira — isto é, continuou sentado. Não estava nada satisfeito, mas sentiu-se dominado pela situação.

Enquanto isso, um forasteiro com ares de detetive particular observava tudo com aparente contentamento. Vestido como um lorde inglês, seu pensamento voava. No momento, ele refletia: “Nenhum dos dezoito está fazendo lances. Eles precisam comprar o dinheiro que tentaram roubar. O sr. Richards me surpreendeu, me decepcionou até, já que eu julgava todos corruptíveis. Por isso ele merece ficar com o dinheiro”.

Quando as ofertas começaram a baixar, ele próprio começou a dar lances. Alguém ofereceu mais dez dólares, ele subiu para cinco, outra pessoa propôs mais três e ele pulou para cinqüenta, comprando, finalmente, o saco por mil, duzentos e oitenta e dois dólares. A platéia soltou gritos e bateu palmas, mas depois se calou para ouvir o tal homem, que estava de pé, com a mão levantada.

— Gostaria de pedir um favor. Negócio raridades e tenho como vender

essas moedas de chumbo e conseguir por elas seu valor em ouro. Pretendo dar uma parte do dinheiro — dez mil dólares — ao sr. Richards, que mostrou uma integridade inabalável. (A multidão soltou vivas.)

O sr. Richards e sua esposa ficam corados diante da “integridade inabalável”, mas ninguém desconfiou de nada, pensando tratar-se de humildade. O forasteiro continuou:

— Como eu ia dizendo, as raridades alcançam maior valor se tiverem algo que chame a atenção, alguma coisa peculiar. Então preciso da autorização de vocês — dois terços da audiência e eu já me daria por satisfeito — para gravar os nomes dos dezoito cidadãos que...

Noventa por cento da platéia se levantou, incluindo o cachorro perto da porta e a proposta foi aceita com uma saraivada de palmas e gargalhadas. O dr. Clay Harkness protestou violentamente, mas ninguém deu bola e a barulheira continuou. Como estava sentado ao lado do forasteiro, aproveitou a algazarra para lhe falar em particular. Harkness era um dos homens mais ricos da cidade, ele e Pinkerton, o banqueiro. Ambos concorriam à Legislatura em chapas diferentes e eram muito ambiciosos. Um único voto a seu favor faria a diferença na disputa contra Pinkerton. A bolada era grande e Harkness estava determinado.

— Quanto quer pelo saco? — perguntou ao forasteiro.

— Quarenta mil dólares.

— Dou vinte mil.

— Nada feito.

— Vinte e cinco.

— Não.

— Trinta.

— Só vendo por quarenta.

— Está bem, eu pago. Amanhã de manhã, às dez horas, levo o dinheiro no hotel da cidade, onde você deve estar hospedado. Ninguém pode ficar sabendo.

O forasteiro concordou e pediu para falar à platéia.

— Bem, já vou indo — começou. — Agradeço a autorização de vocês. Peça que o Reverendo Burgess guarde o saco para mim até amanhã. E também que entregue estas três notas de quinhentos dólares ao sr. Richards — disse, passando as notas às mãos do Reverendo.

Em seguida, explicou que voltaria para buscar o saco às nove horas e, às onze horas, levaria o resto do dinheiro ao sr. e a sra. Richards. A assembléia se desfez e o povo saiu tagarelando e recitando a famosa frase: “Você está longe de ser um homem ruim!”.

Capítulo 5 A NOVA HADLEYBURG

Em casa, o sr. e a sra. Richards receberam cumprimentos até a meia-noite, depois ficaram sozinhos. Nessa hora, Mary olhou as três notas de quinhentos dólares sobre a mesa, as mesmas que tinham sido apalpadas e **ALMEJADAS** pelos visitantes, e perguntou ao marido, com a voz trêmula:

— Ed... Edward, você acha... que... que fizemos certo?

— Nós... nós não conseguimos evitar, querida. Estava escrito. Tudo está escrito — respondeu ele, tentando convencer-se do que acabara de falar.

— Você vai continuar trabalhando no banco?

— Não... não!

— Vai pedir demissão?

— Amanhã mesmo, por escrito.

— Talvez seja melhor.

— Não tenho mais coragem de cuidar do dinheiro dos outros.

— Vamos dormir, vamos dormir — disse a esposa.

Às nove horas da manhã, o forasteiro foi buscar o saco. Às dez horas, o dr. Harkness apareceu para uma conversa particular. O forasteiro pediu e conseguiu que o saco fosse pago com cinco cheques — ao **PORTADOR** — de uma cidade maior, próxima a Hadleyburg, sendo quatro no valor de mil e quinhentos dólares e um de trinta e quatro mil dólares. Ele colocou um dos de mil e quinhentos entre as páginas de sua agenda e o restante, no valor de trinta e oito mil e quinhentos dólares, em um envelope e acrescentou um bilhete, que escreveu depois de Harkness ter ido embora. Às onze horas em ponto, ele entregou o envelope para a sra. Richards sem dizer uma palavra. Depois virou as costas e foi embora. A anciã estava tremendo ao fechar a porta.

— A... acho que conheço aquele homem. Quando o vi na Prefeitura, sabia que já o tinha visto em algum lugar, eu sabia!

— Seria o homem que trouxe o saco naquela noite?

— Tenho quase certeza de que é ele.

— Então deve ser o Stephenson, o mesmo que passou a perna na cidade toda. E nos passou a perna também, Mary. Veja, este envelope está magro demais para conter cédulas. Deve ter colocado cheques aí dentro. Eu já tinha melhorado um pouco desde ontem à noite, mas agora só de olhar para este envelope fico doente!

— Por quê, Edward? O que há de errado com cheques?

— Cheques assinados por Stephenson? Tudo de errado. Pode ser uma armadilha, mais uma. Eu estava disposto a aceitar os oito mil e quinhentos se viessem em dinheiro vivo, mas não tenho coragem de tentar descontar um cheque com esse nome terrível.

Mary abriu o envelope e tirou os cheques, soltando um profundo lamento ao constatar que não havia cédulas no envelope.

— E agora, Edward?

— Vamos queimá-los. Só pode ser uma cilada para nos ridicularizar diante da cidade toda. Vamos, passe os cheques para cá e eu mesmo os colocarei no fogo.

Edward pegou os cheques e tentou se aproximar da lareira, mas era um ser humano, apenas um caixa de banco. Parou um momento e verificou a assinatura antes de atirá-los às chamas. Quase sofreu um desmaio.

— Mary, querida, estamos salvos! Estes cheques valem ouro!

— Oh, Edward, que alegria! Como assim?

— Eles levam a assinatura de Harkness! Mas que mistério será esse?

— Você acha que Harkness...?

— Veja, Mary, três cheques de mil e quinhentos e outro de trinta e quatro! Harkness pagou trinta e oito mil e quinhentos por um saco que não valia nem doze dólares.

— E tudo isso é para nós, em vez dos dez mil? Será?

— Parece que sim. E os cheques estão ao portador, de um banco de fora...

— Isso é bom, Edward? Para que isso?

— Imagino que seja uma **INSINUAÇÃO** de Harkness, um pedido para que descontemos os cheques longe daqui. Talvez ele não queira que ninguém saiba do assunto. O que é isso, um bilhete?

— Sim, estava junto com os cheques.

Estava escrito com a letra de Stephenson, mas não levava sua assinatura. Dizia o seguinte:

“Sou um homem desapontado. Sua honestidade resiste à tentação. Apos-tei comigo mesmo que havia dezenove cidadãos corruptíveis em Hadleyburg. Perdi, por isso fique com tudo e aceite meu pedido de desculpas por julgá-lo mal”.

— Ah, Mary, estou me sentindo mal de novo.

— Eu também, querido, eu também. Quem nos dera essas palavras fossem verdadeiras...

— E pensar que ele acredita em mim, Mary.

— Ah, Edward, não consigo suportar.

— Trocaria a **VERACIDADE** dessas palavras pelos quarenta mil dólares sem pestanejar. Vou guardá-las para sempre no coração, mas no momento não posso viver diante de sua presença acusadora — disse, jogando o bilhete no fogo.

Neste momento, um mensageiro trouxe um envelope fechado. O sr. Richards o abriu e constatou ser do Reverendo Burgess. Ele o leu para a esposa:

“Você me salvou uma vez, em tempos difíceis da minha vida, e eu o salvei na noite passada. Fiz o sacrifício de mentir, mas por vontade própria. Você é um homem bom e nobre e ninguém nesta cidade sabe o quanto é corajoso. No fundo você não deve me respeitar, já que sabe o motivo pelo qual fui acusado e condenado por toda a cidade, mas peço que acredite que sou um homem grato. Assim será mais fácil carregar meu fardo.

Burgess”

Edward atirou o bilhete ao fogo, choramingando:

— Eu juro que não queria fazer parte disso tudo, Mary. Preferia estar morto.

— Que situação, ser salvo dessa maneira. São tempos difíceis, Edward. Não adianta ser generoso na vida. As punhaladas chegam assim mesmo.

Três dias antes das eleições, as moedas de chumbo começaram a circular na cidade. De um lado delas estava escrito: “*A FRASE QUE EU DISSE AO POBRE FORASTEIRO FOI...*”; e do outro: “*VÁ, E SE EMENDE. (ASSINADO) PINKERTON*”. Toda a gargalhada daquela noite na Prefeitura voltou a cair sobre a cidade, só que agora concentrada em uma única cabeça, a de Pinkerton. Harkness ganhou a eleição como se fosse uma brincadeira.

Vinte e quatro horas depois que os Richards receberam os cheques, sua consciência começou a acalmar-se. Estavam conformados com o pecado que haviam cometido. O que eles não sabiam e estavam prestes a experimentar é que um pecado assume o formato de algo aterrorizante e real quando pode ser descoberto. É como se o pecado tivesse sido renovado e adquirido um tamanho maior e mais consistente.

O sermão matutino na igreja era o mesmo de sempre. Eles estavam tão acostumados a ouvi-lo, que quase não prestavam mais atenção. Servia para ajudar a cochilar. Mas agora aquelas palavras caíam em seus ouvidos como uma espécie de acusação. Tudo o que era dito parecia ser dirigido a pessoas que escondiam um pecado mortal.

Na saída da igreja, livraram-se das pessoas que insistiam em cumprimentá-los o mais depressa possível e correram para casa. Sentiam os ossos gelarem e um

medo estranho que vinha de algum lugar obscuro. Por acaso, na esquina, avistaram o Reverendo Burgess. Acenaram, mas ele não viu o casal de velhos e atravessou a rua. Foi o bastante para o cérebro dos dois não parar de funcionar.

— O que significa isso, Edward? — perguntou a esposa.

Desesperado, o marido pensou em uma dezena de possibilidades. Burgess podia saber que ele poderia tê-lo inocentado daquela vez. Talvez estivesse aguardando para dar o troco. Em casa, aflitos, chegaram a pensar que Sarah, a empregada, estivesse envolvida.

— Talvez ela tenha ouvido atrás da porta quando eu lhe contei que sabia da inocência de Burgess — disse o marido. — Aliás, tenho quase certeza de que escutei alguma coisa, talvez o barulho de seu vestido arrastando no chão naquela noite.

Chamaram a moça e começaram a lhe fazer perguntas desbaratadas, depois ficaram observando-a, lançando sobre ela olhares acusadores. Sarah começou a suspeitar de que o casal de velhos não estava bem. Assustou-se e enrubescceu, dando aos Richards a certeza de que ela tinha contado ao Reverendo Burgess o que escutara.

— É uma traidora — constatou Mary, assim que a moça saiu do recinto.

O sr. Richards começou a ficar ofegante.

— Mary, o bilhete! — disse, por fim.

— O bilhete de Burgess? O que tem o bilhete?

— Tinha um tom sarcástico. Quando ele diz: “No fundo você não deve me respeitar, já que sabe o motivo pelo qual fui acusado e condenado”. Foi uma armadilha. E agora, querida?

— Deus do céu, já sei o que você vai dizer. Ele não devolveu o envelope, aquele que deveria ter aberto na Prefeitura.

— Está só esperando para nos delatar. Acho até que já o fez. Vi os rostos de algumas pessoas na igreja. Elas sabem que também reclamei o saco de dinheiro com aquela frase maldita. Mary, o que vamos fazer? Foi por isso que Burgess não nos cumprimentou.

No dia seguinte, um médico foi chamado para atender o casal de velhos, que estava muito abatido, exausto depois de muitas noites sem dormir por conta da excitação dos últimos acontecimentos, segundo o doutor. A cidade toda estava triste. Os velhos eram o único motivo de orgulho para Hadleyburg.

Dois dias depois, as notícias pioraram. Eles foram levados ao hospital e as enfermeiras contavam que o velho estava delirando, exibindo cheques em um total de trinta e oito mil e quinhentos dólares. Todos se perguntavam de onde teria vindo tanta sorte.

Na manhã seguinte, mais novidades espetaculares. As enfermeiras diziam que o ancião escondera os cheques embaixo do travesseiro, mas, quando elas foram procurá-los, eles haviam sumido. Ele ficou bravo:

— O que vocês querem com os cheques?

— Pensamos que seria melhor guardá-los...

— Vocês nunca mais verão os cheques. São coisa do diabo e foram destruídos!

Então ele começou a dizer coisas desconexas, que o médico aconselhou as enfermeiras a não espalhar. O sr. Richards estava certo, os cheques nunca mais foram vistos.

No entanto, alguma enfermeira deve ter falado durante o sono, pois em dois dias aquelas barbaridades surpreendentes estavam na boca da cidade toda. Todos comentavam que o próprio sr. Richards fora um dos pretendentes ao saco, que Burgess escondera isso de todos e por fim revelara o fato de forma maliciosa.

— Não dêem ouvidos a um velho caduco e doente — disse Burgess, ao ser acusado.

Um ou dois dias mais tarde, disseram que a sra. Richards também delirava como o marido e, por fim, seis dias depois, espalhou-se a notícia de que o casal símbolo da cidade estava morrendo. Em um momento de lucidez, Edward Richards mandou chamar Burgess.

— Saiam do quarto. Ele deve querer falar alguma coisa em particular pediu o Reverendo.

— Não! Fiquem! Quero testemunhas para que eu possa morrer com a consciência em paz! Ouçam minha confissão: eu, como todos os outros, caí em tentação e reclamei o saco de ouro. O sr. Burgess me salvou porque se lembrou que eu tinha lhe prestado um favor. Mas eu digo: foi ignorância da sua parte, Reverendo. Sabem a acusação de que o sr. Burgess sofreu anos atrás? Então, só meu testemunho poderia tê-lo livrado, mas eu não tive coragem e deixei que ele sofresse toda a desgraça... Oh, Deus!

— Não, sr. Richards, o senhor... — disse Burgess.

— Então minha empregada revelou este meu segredo ao senhor e...

— Ninguém me revelou nada, garanto.

— ... o senhor se arrependeu de ter me salvado. Foi por isso que resolveu me desmascarar. Tudo bem, entendo, eu mereci...

— Juro que não fiz nada!

— Eu o perdôo, de coração...

Os protestos de Burgess foram inúteis e o velho morreu sem saber que, mais uma vez, havia prejudicado o Reverendo. Mary Richards também morreu

naquela noite. O último dos dezenove fora vítima do saco infernal e Hadleyburg estava de luto profundo, destituída de seu último rastro de glória.

O Legislativo conseguiu mudar o nome de Hadleyburg para... (não importa, não vou dizer), e mudou também as palavras escritas na placa da divisa, que por muitos anos enfeitou a entrada do município.

A cidade voltou a ser honesta e o forasteiro que quiser pegá-la desprevenida terá de ser esperto.